

JORNAL DAS SENHORAS.

JORNAL DA BOA COMPANHIA.

Modas, Litteratura, Bellas-Artes e Theatros.

O programma e condições deste jornal encontrão-se na ultima pagina da capa.



CHRONICA DOS SALÕES.

Leitoras, o calor excessivo que nos tem incommodado durante esta semana fez paralyzar toda a acção no mundo de nossos salões para destinar o tempo aos passeios campestres e ao gozo do ar mais livre que se encontra nos nossos pittorescos arrebaldes; usando *toilettes* menos incommodos na presente estação, e exercendo toda a liberdade compatível com a frequência maior ou menor de cada um dos logares escolhidos para retiro, ou antes abrigo do ardor de fogo em que se tem abrazado a cidade.

Apenas sabemos que em uma das noites da semana passada houve uma brilhante e escolhida reunião na bem conhecida chacara da rua da Ajuda, em cuja casa comparecerão algumas das mais bellas flores que costumão abrilhantar as nossas sociedades, trajando *toilettes* em geral brancos, proprios para contrariar a acção rigorosa da presente estação. Ahj se cantou e dançou até tarde, retirando-se as pessoas, que comparecerão, gratas á natural e sincera affabilidade dos dignos hospedes.

Na noite de 20 do corrente tambem teve lugar uma muito interessante companhia em uma noite casa da rua de Santa Thereza, por motivo do anniversario natalicio de uma das mais interessantes moças da sociedade fluminense.

O prazer das pessoas presentes e a animação que reinou na companhia corresponderão per-

feitamente ao digno assumpto que a motivára. Cantarão algumas senhoras, e entre ellas a Sra. Casaloni, que ahj compareceu depois de meia noite, por haver estado até essa hora no theatro lyrico, onde cantou com successo. Não deixaremos tambem de citar, como muita digna de attenção e dos applausos que recebeu nessa reunião, a joven Julia, que cantou com expressão e voz firme, como não era esperado por muitas pessoas na tenra idade de nove annos. Sua voz de contralto, conquanto ainda não esteja desenvolvida, é muito digna de apreço e estima, e nos faz erer que esta linda meniua, continuando a estudar com preceito, será, quando moça, uma cantora de nomeada, e talvez a primeira de seu tempo em nossas companhias, pois parece ser uma das poucas creaturas privilegiadas pela natureza que nascem com um talento tão pronunciado para uma especialidade, como ella o tem para a musica.

Na noite de 22 do corrente via-se ao longe, na estrada da fabrica das chitas, em Andarahy, uma magnifica casa reflectindo ondas de luz por sobre a verde ramagem de copadas mangueiras, e um jardim illuminado exhalando os odores do cravo, dos jasmims e rosas. Dir-se-hia um capricho de fadas, ao sombreado da noite, delirando n'um fantastico e deslumbrante palacio construido para o prazer no meio de bosques e montanhas.

Era o festejo dos annos de um moço de muitas sympathias e delicado tratar que se dava nessa linda casa de campo, guarnecida de um extenso círculo de convidados, seus amigos e collegas, e de um concurso fascinador das mais bellas moças da nossa terra.

Nada faltou para que essa noite fosse de completo prazer. Musica, dança, e um delicado serviço especiosamente offerecido pelas agradaveis maneiras dos donos da casa aos seus amigos deixarão-nos satisfeitos de uma tão bella reunião e captivos por mais um motivo de reconhecimento á amizade do Sr. Dr. Izidro e de seu respeitavel pai.

Se me perguntarem qual foi a rainha das bellas, não o saberei dizer, que lá haviam muitas que a esse titulo tem direito; mas se querem as leitoras saber quaes as flores com cujo perfume me embriaguei, lhes confessarei sinceramente que foram umas lindas camelias rajadas aos lados de uns luzidios bandós ondeados que fazião sobresahir um rosto moreno, de olhos expressivos (camelias do meu coração!) e uma.... chamal-ahêi violeta roxa, entre folhagem preta, ahí posta a um canto da sala, aromática e humilde, como é sempre essa mimosa florzinha por entre a sua folhagem alastrada no preparado caixão em que

delicada mão a vai regar todos os dias. — E' a flor de toda a minha amizade a par das camelias.

Nada mais tem occorrido digno de vosso conhecimento, a não ser o risco que corremos de soffrer uma grande falta de refrescos, a calcular o seu consumo pelo que tem havido durante estes ultimos dias.

O Passeio Publico, não obstante conservar-se a sua incorregivel administração na mais perfeita indolencia e deleixo, e achar-se elle em pessimo estado, tem sido muito frequentado todas as noites por grande numero de familias que fazem completa enchente na varanda, em busca de alguma fresca briza que lhes mitigue o ardente calor em que se abração. Mas... que contraste! Enquanto as bellas ahí sentem fugir o rigor do estio no brando sópro da briza da noite, ardem os cavalheiros no fogo electrico que os lindos olhos fulminão sobre elles no meio da multidão constantemente agitada no romantico passeio.

São chegadas as noites de luar; e é para crer que maior se torne ainda a concorrência a este mesmo logar, para onde, por nossa parte, convidamos as nossas amigas e leitoras, para que possa ter o prazer de vel-as a sua dedicada

Afinã.

EXPLICAÇÃO DO PADRÃO DE BORDADOS.

- N.º 1. — Letras a ponto real.
 N.º 2. — Bordado inglez e festão.
 N.º 3. — Festão.
 N.º 4. — Bordado de matiz.
 N.º 5. — Camisinha para o collarinho n. 6, — bordado a ponto real e festão.
 N.º 6. — Collarinho de cassa bordado a ponto real e festão.
 N.º 7. — Bordado brasileiro.
 N.º 8. — Letreiro a ponto real e aberto.

- N.º 9. — Bordado a ponto real.
 N.º 10. — Firma bordada a ponto real.
 N.º 11. — Corôa e firma a ponto real.
 N.º 12. — Nome a ponto real.
 N.º 13. — Nome a ponto real.
 N.º 14. — Flor de lã.
 N.º 15. — Grande bordado de trancelim de seda.
 N.º 16. — Centro (com letreiro — Gellet) bordado a capricho.

JARILLA.

PELA SRA. D. CAROLINA CORONADO.

(Continuado do n. 5.)

III.

Os dous companheiros do Mour Regio, Barbellido e o Morro.

Los rostros muy denegridos,
 Los brazos arremangados.
 ROMANCEIRO.

— Senhor Peres, disse um escudeiro ao pa-

gem de lança quando, encosta abaixo, seguia S. A. Conte-nos mais alguma cousa desse Mourro maldito; porque von já acreditando que é verdade o que nós disse hontem da *sombra pegada às paredes*, que mata aos que a ellas se encostão; pois ha apenas uma hora que entrámos no castello, e sinto pelos ossos umas dores como se me tivessem dado uma *têsa*.

— Muito teria que dizer, redarguiu Peres com

o ar grave de um historiador, se fosse a referir todas as façanhas do Sr. Mouro, o maior rei de quantos vierão à Hespanha; mas não são cousas essas, Sr. Yanez, que se digão em campo descoberto.

— Pois o Mouro anda também por estes sitios? perguntou o escudeiro mirando tudo em torno, receioso.

— Não é mister que esteja a tiro de besta, replicou o pagem, para poder ouvir o que nós estamos dizendo; porque as orelhas tem-nas elle em proporção das mãos; e se com um dedo atira um homem de pernas ao ar, com a quarta parte de um ouvido ouve o que se falla a meia legua.

Olharão-se attonitos os que se haviam acercado do pagem, e o escudeiro disse em voz baixa:

— E' melhor que não diga mais nada, Sr. Peres, até descermos ao valle; que o ar é um optimo conductor da voz.... depois nos contara alguma cousa.

Approvãrão todos esta prudente reserva, e quando chegarão ao valle agruparão-se em torno do pagem, que continuou:

— Depois do Sr. D. Henrique III, que Deus tenha em gloria (e desbarretou-se), haver, como disse, expulso o Mouro dos tres castellos, julgãrão todos que elle se havia abalado para a *Mourama*, e vierão alguns-fidalgos residir nestes castellos: vai se não quando uma tarde sabe um dos taes fidalgos a caçar, e encontra-se com dous homens, negros como uns tições, e quasi tão altos como o Mouro, que lhe disserão: « Se não largas immediatamente o castello do rei, lembra-te de *Barbellido* e do *Morro*; » e, dando-lhe este ultimo uma cabeçada no peito, o matou.

— Então erão Mouros também? perguntou o escudeiro.

— Não sei se o erão; mas logo depois veio o Mouro, e disse aos outros: « Para que matarão esse homem? — Para que não torne ao castello, responderão os outros. — Isso pertence-me a mim, redarguiu o rei; ide vós outros ás montanhas por outras presas; e deixai-me, que os fidalgos do castello esses ficão por minha conta. »

E, quando acabava de proferir estas palavras, estendeu os dez dedos das mãos, e matou os dez fidalgos que acompanhavão o senhor do castello!

— Não falle tão de rijo, disse o escudeiro.

— Então, acudiu outro, não era a *sombra* que havia ficado *pegada ás paredes*?

— *De cá se vai a lá*, replicou o pagem: depois daquelle caso nenhum senhor quiz tornar á caça, e o filho, que veio ao castello, estava sempre encafuado nas torres, receiando que lhe succedesse o que havia succedido ao pai. Mas uma noite, estando a dormir, começaram as paredes do castello a mover-se, e sahiu dellas a *sombra do Mouro*, que deu cabo delle!

Contemplarão-se novamente; pagens e escudeiros, aterrados, e um dellas acudiu:

— O que me parece, Sr. Peres, é que podia abaixar mais a voz, porque ouvimos perfeitamente.

— Desde então, proseguiu o pagem, ninguém reside no castello de Poente. Dos outros dous — um é o que vimos — e o mesmo receio faz com que ninguém se atreva a lá subir. Esse que nos

fica á direita é o terceiro castello, onde S. A., que Deus guarde, pretende que passemos a noite. Eu por minha parte bem sei o que hei de fazer; e o que quizer salvar o *vulto* é ficar-se conigo fóra das muralhas.

— Isso, Sr. Peres, disse Yanez, tanto tem de bom como de máu, porque é verdade que nos livramos da sombra do Mouro, mas não estamos livres do Mouro em pessoa, que, como disse, anda por essas terras com o *Barbellido* e o outro.

— Convento, respondeu Peres, que é também perigoso; mas eu por mim tenho mais medo da *sombra* do Mouro que do seu corpo; o *Barbellido* e o *Morro* não consta que tenham *sombra*.

— Seja como for, disse outro, parece-me, como ao Sr. Peres, que é melhor havermos nos com o Mouro do que com a *sombra pegada ás paredes*; ou cá sou dos que ficão da parte de fóra, se nos derem licença.

Emquanto pagens e escudeiros travãvao este dialogo, acercou-se o rei do condestavel, e referiu-lhe com afflicção profunda a desgraça de Roman. Ouviu-o D. Alvaro com a impassibilidade propria do diplomatico, para quem a vida dos homens não tem importancia senão pelos planos que a sua morte pôde transformar; e respondeu que sentia levar contra o condestavel uma espada de menos.

— Oh! exclamou o rei. Não só hei perdido uma espada, mas uma cabeça e um coração cheios de talento e de bondade.

O condestavel fez uma pequena visagem, como quem não reconhecia tão grande merito, e o rei proseguiu com maior calor:

— Saião quatro archeiros a procurar o donzel; é grande o desgosto que me causa semelhante desgraça... Entretanto, nem por isso hei de esquecer o bom Pacheco, que hoje me salvou a vida, quando cahiu no castello....

— Não havemos de esquecer o bom Pacheco, disse o condestavel, interrompendo S. A. com aquella firmeza que o sabia dominar.

— Muito bem, replicou este. Reservo ao teu cuidado o premio da sua acção.

— Senhor, disse o principe, passando a cavallo por diante de D. Alvaro: em premiar as boas acções não deve haver dilacção, e o condestavel tem muito que pensar...

Iludiu o rei á resposta, separando o seu cavallo do seu filho, que se fez roxo de colera ao observar o olhar de desdem que lhe lançou D. Alvaro, collocando-se mais perto do rei, como se ninguém houvesse fallado na sua pessoa; este porém, ao passar cerca de um robusto roble, roçou tão rijo o elmo pelos ramos, que por pouco não cahiu.

— Cuidado com a cabeça, disse o principe.

— Quando voltar por aqui, redarguiu o vellido, hei de mandar cortar quantas arvores me estorvem o passo.

— Tem que cortar muitas, tornou o infante, se cortar todas as que lhe fazem *sombra*.

— Com as que não puder o machado, replicou D. Alvaro orgulhosamente, ha de entrar o fogo!

— Não duvido, insistiu o principe, da effica-

cia do fogo; tal seria, porém, o incendio que te abraçasse a ti.

Calou-se o condestavel como se não tivesse que responder ao ameaço do principe, e baixou os olhos mesmo, perante este com certa humilidade: qualquer observador intelligente houvera comtudo notado a expressão de escarneo que ao mesmo tempo se lhe debuxára no semblante.

O principe afastou-se d'elle rapido, e, reunindo-se ao seu aio, lhe disse em voz baixa algumas palavras em que se revelava a colera reprimida e o desejo de vingança que debalde procurava refrear.

— Paciencia, respondeu-lhe Pacheco tambem em voz baixa. Com paciencia ha de V. A. conseguir mais do que com imprudencias. E' preciso resignarmo-nos por ora.

Ao pôr do sol, chegou a comitiva ao castello, onde tremulava a bandeira real.

Achava-se este situado em uma alta collina, ficando-lhe a cavalleiro, pelo meio dia, uma grande serra e com vista desafogada ao Norte, d'onde se podião alongar os olhos por immensos plainos. Compunha-se de tres corpos uiformes, e o estylo da sua construcção era o primitivo dos arabes, seus fundadores.

O castello por circumstancia alguma se tornava digno de que o habitasse o castelhano rei; havia comtudo sido preferido aos outros por se achar em melhor estado. Apenas nas acanhadas salas do castello houve espaço para os domesticos de D. Arrão de Luna, e o rei correu risco de ficar em uma saleta, cuja janella, em fórma de seteira, olhava ao Norte, e tornava por consequencia escuro e triste aquelle aposento. Todavia pôde arranjar-se outro quarto contiguo, estreito e sem janella, onde se collocarão alguns pagens de serviço. O principe e seu aio Pacheco, esses declararão que nunca subirião ao terceiro piso, talvez porque conhecessem a insolencia

com que o condestavel se propunha separal-os do rei.

— E' chegado o momento, disse Pacheco ao principe, de tomar uma resolução. Escolhei do castello todos os homens de armas que vos aprouver, e marchemos esta mesma noite para Toledo, onde V. A. se porá á testa dos descontentes, declarando-se protector das victimas do soberbo condestavel.

Acolheu o principe o conselho com a precipitação dos seus poucos annos, e aquella mesma noite sabirão do castello. Pouco depois recolheu um dos archeiros que haviam ido procurar o herdeiro de Vilhena, e, pallido e esbaforido, referiu ao rei o caso seguinte:

— Em cumprimento das ordens de S. A. haviam-se entranhado pela floresta a buscar o desafortunado donzel, quando dous homens, altos como dous penedos, se atirarão a dous dos seus companheiros, fazendo-os cahir dos cavallos com as formidaveis hachas. O terceiro, ao tentar a fuga, havia-se despenhado, e o pagem, que referiu o caso, devêra a vida á presença de outro homem, mais alto ainda que os dous primeiros, o qual parecia Mouro. E que este lhe dissera:

« Vaj-te em paz, ntas livra-te, e teus companheiros, de volver á selva. » E accrescentou o archeiro, estremecendo de horror, que os dous primeiros homens tinham cortado a cabeça a seus companheiros, e, cravando-as em dous chuços, lhe haviam bradado: « Diz tambem aos teus companheiros, que o Barbellido e o Morro usão de cabeças de homens por escudos. »

Penalisado o rei daquelle successo, ordenou que se dissesse, por alma dos archeiros, uma missa na capella do castello, e no altar do nosso patrono S. Thiago, que ainda hoje occupa a capella da direita, e que era naquelles tempos, como nestes, tido em muita veneração.

(Continúa.)

POESIA.

LÁGRIMAS DE SANGUE.

Pela treva do espirito lancei-me,
Das esperanças suicidei-me rindo...

Suffoquei-as sem dó.

No valle dos cadavérs sentei-me,

E minhas flores semeei sorrindo

Dos tumulos no pó.

A. DE AZEVEDO.

Amei, e meu amor foi-me um veneno

Que matou-me a alma enfebrecida:

Insensato enxuguei a taça cheia,

psmaçando senti a triste vida.

Enlouqueci no amor uma existencia

Sonhando no futuro mil venturas....

Adormeci á laze da esperanza,

Mlácilento acordei em mil torturas....

No amanhecer dos annos alquebrado,

Da paixão pela pyra carcomido,

Enfebrei os labios n'um desejo

No lodaçal do exilio destruido....

Banhára o coração no rubro sangue
A' sêde da vingança do passado...
Adormecer no gelido cadaver,
Esfriar meu peito requemado!

Nos labios só tivera um sorriso,
Nos olhos um olhar só de ternura:

No peito um sentimento, só de amor,
E um desejo só, o de ventura....

Mas pallida estatua era marmorea....
No peito frio amor não conheciã;
Porque, se mulher fôra, mil remorsos
Ou a sede da vingança a comprimia...

NOTE.

*Um só dia que se passa
Sem vêr a minha querida,
Esse dia não se conta
Nos dias da minha vida.*

GLOZA.

Amor, se o teu braço tem
Forças p'ra tudo mudar;
Se me ensinaste a adorar
As virtudes do meu bem;
Se na ausencia então me vem
A' mente só a desgraça;
Amor, que queres que eu faça
Ausente da minha bella,
Se eu contar não sei sem ella
Um só dia que se passa?

Ausencia, tyranna ausencia,
De amor madrasta cruel;
Do coração mortal fel,
Apuro da paciencia!
Mata-me a tua influencia
Na morte mais desabrida!

Geme minh'alma opprimida
Da ausencia na anciedade,
Pois que me mata a saudade
Sem vêr a minha querida!

Se um só dia a luz amante
De seus olhos eu não vejo;
Sê um só dia o meu desejo,
Sempre sincero e constante,
Não vê seu rosto brilhante
D'onde o prazer me desponta;
Na saudade então me affronta
Da morte a negra agonia!
Esse dia não é dia,
Esse dia não se conta.

Vem, meu bem, vem a meus braços,
Sê propicia aos meus desejos,
Dá-me a vida nos teus beijos,
O prazer nos teus abraços!
Aperta, aperta estes laços
Com cadêa appetecida!
Sê minha fada querida,
Meu anjo, minha deidade,
E derrama a f'licidade
Nos dias da minha vida.

AS TRES NOITES DE NATAL.

(Continuado, do n.º 5.)

IV.

A EXPIAÇÃO.

— Boas noites, minhas senhoras, e bom dia,
disse Ernesto, que ao entrar foi logo abraçado
por Tonina; trago-vos companhia.

— E esta folgazã!! disse Carlos, abraçando
Rosalia pela cintura.

— Então, Anastacia, estás disposta a confiar-me o vosso braço, por esta noite? disse graciosamente Gustavo, curvando o braço.

— Como é isto, Clarisse? não tendes cavalheiro?! disse Ernesto, segurando-lhe a mão com gesto affavel.

— Não se importe com isso, senhor travesso, disse Tonina, Clarisse ha de tel-o quando for tempo.

— Oh! se ha mysterio, era preciso dizel-o. Empresto-vos a caixa do meu violão, Sra. Clarisse.

— Para que, Sr. Carlos?

— Para fechar a chave aquelle que tem a vanjação de ser vosso tutor.

— Não te calarás, insolente! disse Ernesto. Propouho que partamos já, que tomemos algum refresco no *Café Grandé* para supportar mais calor na igreja.

— Clemencia, vinde connosco; iremos juntas, disse Clarisse segurando-lhe as mãos.

— Não, Clarisse, obrigada: estou cansada, e talvez me deite já.

— Então, replicou Anastacia, esperai-nos, e ceciaemos juntas.

— Sim, sim, accrescentou Carlos, accendei bom fogo, e fazei cozer os chouriços que prometti á minha noiva.

— Então? A que igreja iremos?

— A S. Nizièr, disse Ernesto.

— Não, a S. Pedro, disse Clarisse, e na capella da Santa Virgem.

— Se a senhora assim o quer, tambem nós o queremos.

— Então! seja para S. Pedro! Os braços ás vossas damas, e marchemos!

Clarisse, estando sem cavalheiro, foi a ultima a sair; mas antes de fechar a porta foi detida por Clemencia que, com as lagrimas nos olhos, e o olhar fixo e espantado, disse-lhe abraçando-a vivamente por duas vezes:

— Adeos, Clarisse! sê feliz, adeos! E fechou a porta sobre ella.

Alguns minutos depois desta partida, Clemencia envolveu-se em um longo chale, cobriu a cabeça com um chapéo preto, cujo véo cahia sobre o rosto e o occultava inteiramente: depois sahiu, e dando volta ao palacio de S. Pedro pela rua Clermont, dirigiu-se para a igreja, e entrou pela pequena porta que deita para a praça de Platre. Penetrou a capella da Santa Virgem antes que suas companheiras ahi tivessem chegado. Agachada em um canto escuro, dirigiu suas vistas para o interior da nave. Avistou, na segunda columna da direita, perto da capella da Virgem, um homem de cabelos compridos e embuçado em um capote, em cujas dobras procurava occultar a physionomia. Olhava constantemente para a porta da entrada. Clemencia estremeceu, mas não conservou-se no lugar. Um momento depois viu o desconhecido dar alguns passos para junto de Clarisse, que entrava adiante de suas amigas para se achar mais depressa perto della. Immediatamente Clemencia lança-se sobre o desconhecido, e lança no chapéo que elle tinha na mão um papel que continha alguma cousa. Elle voltou-se rapidamente para reconhecer a pessoa que sabia, porque Clemencia tinha fugido por onde Clarisse tinha entrado. O homem encapotado abriu então o papel e achou nelle uma pequena cruz de ouro, que reconheceu ser a mesma que elle havia dado a Cecilia. Neste momento chegou Clarisse junto delle; mas estava tão perturbado, que esteve alguns segundos sem poder fallar.

A missa da meia noite teve lugar, como de costume: havia muita gente, muitos rapazes turbulentos, e uma multidão de agentes de policia. Gustavo, Ernesto e Carlos tornavão-se notaveis por seu gracejo, e pelos ditos engraçados que dirigião as suas visinhas. O desconhecido, vendo Clarisse admirada e entristecida pela fria recepção, procurou reparar esta falta por um interesse que lhe era penoso, porque estava preoccupado com esta apparição. A sahida da igreja foi tumultuosa, e toda a massa de povo, disseminando-se pelas ruas, tornarão-as tão animadas como se fosse dia.

Os nossos quatro cavalheiros e suas damas, reunindo-se, dirigirão-se para o domicilio dos operarios. Segundo o uso, nas casas onde não ha porteiro, e conforme o andar em que mora a pessoa que espera, os nossos estouvados batêrão quatro pancadas na porta de uma casa da rua de S. Pedro, defronte do armazem onde moravão as costureiras.

— Eis ahi! Clemencia não nos responde: aposto que está dormindo, disse Rosalia.

— Talvez que esteja cozinhando os chouriços, disse Carlos, e está tão entretida que não ouve.

Tornarão a bater com mais força. No mesmo momento abriu-se uma janella e cahiu um corpo a seus pés. Todos saltarão um grito de espanto. O barulho da queda e os gritos das mulheres atrahirão os visinhos, que descerão com luzes ou chegarão ás janellas. O desconhecido abaixou-se para levantar a infeliz, que jazia em terra dando gemidos, e quasi cahiu desfallecido quando reconheceu Cecilia.

— Oh! Céos! Clemencia! exclamou Clarisse.

E ella ajudou a conduzir para o armazem a desgraçada moça. Quiz-se prestar-lhe soccorros, mas era inutil. A espuma e o sangue corrião-lhe pela boca, e os rins estavam despedaçados. Ella expirou olhando para o desconhecido, e pronunciando estas palavras:

« Dieu donné.... minha mãe.... Natal.... meu Deus.... »

Achou-se sobre a mesa estas poucas linhas juntas ao manuscrito que ella mesma tinha lido:

« Esta historia é a minha: chamo-me Cecilia Clemencia Robert. Perdió a Dieu donné os meus soffrimentos, assim como desejo que Deus me perdoe o suicidio. Para que viver sem esperança? Ah! Clarisse, sê feliz, mais feliz do que eu: e, quanto a elle, que minha morte o torne fiel, e que minha ultima desgraça seja mais util do que minha vida. Adeos, meus amigos, vou implorar junto de minha mãe o perdão de meus delictos. Peço a todos uma oração, e a Clarisse uma saude. »

Assim morreu esta moça, que por um só erro, teve uma vida de infortunios. A maldição de uma mãe demasiadamente severa, tinha, como um vento tempestuoso, despedaçado tudo na senda de sua vida, que terminou com tão cruel morte.

EDUCAÇÃO DO SEXO FEMININO.

Uma de nossas respeitáveis assignantes dignou-se obsequiar-nos com um artigo importante sobre a *educação do sexo feminino*, cuja leitura recomendamos ás nossas amigas, agradecendo a S. Ex. o mimo produzido por uma feliz inspiração.

Desde muito tempo conhecíamos o talento e a delicada instrução da Sra. Baroneza de...; e apressamo-nos a assegurar-lhe que a sua colaboração será mais uma garantia para o bom desempenho a que estamos obrigada, e concorrerá talvez bastante para que a instrução do nosso sexo se torne mais solida e variada em proveito da civilização e da religião.

Eis o artigo:

Parece-me oportuna a occasião para offerer á reflexão das senhoras fluminenses algumas ligeiras considerações sobre a necessidade de exigir para as nossas filhas o ensino de instrução mais variada e séria do que a que até hoje aprendem nos collegios á que as confiamos, de alguns dos quaes as proprias directoras não tem as necessárias habilitações, porque o seu dever não se limita somente ao ensino da simples leitura e de trabalhos de agulha. Bastante grande é o numero de collegios que se fazem annunciar ao publico, e penso que nem á metade delles poderia com justiça permittir-se a continuação.

Tenho uma filha, á qual procuro fazer ensinar o pouço que sei, realmente pouco, porém que bem tenho visto ser muito mais do que as miúdas jovens patricias adquirem na longa frequência dos nossos collegios.

Poucas meninas completão sua educação achando-se em estado de poderem eserever uma carta sem receber a vergonha de immensos erros: e este mal provém sem duvida das directoras, que não podem corrigil-os, nem fazer acertada escolha de bons mestres: e ninguém negará que é uma falta esta imperdoavel em cuja defeza não podem oppôr a circumstancia de se demorem as alumnas pouco tempo nas aulas, porque no ensino da leitura e da escripta se comprehende o da grammatica e orthographia nacionaes, explicadas convenientemente e tornadas intelligíveis ás meninas.

O estudo das linguas estrangeiras nos parece uma perfeita extravagancia pelo modo por que é feito; ou concordaremos em suspeitar que ha firme proposito em conservar a ignorancia dellas. A preferencia dada aos collegios dirigidos por senhoras estrangeiras me parece uma ficção que causa um máu resultado, e tanto peior quanto as senhoras que se dedicão ao magisterio não estudão, nem conhecem talvez coisa alguma que respeita aos methodos de ensino. Tenho uma particular amiga, que fez sua educação nesta corte em um collegio inglez, onde esteve alguns seis annos, onde aprendeu a fallar as linguas franceza e ingleza, mas somente pela pratica e necessidade de as fallar, porque as professoras ignoravão totalmente a lingua portugueza: e,

como ella nenhum preceito aprendeu, está hoje completamente esquecida do soffrivel inglez, e do viciado francez com que se fazia entender, tendo sentido logo a necessidade de estudár e corrigir alguns erros de sua propria lingua, os quaes adquiriu por imitação do pouço que as mestras procuravão pronunciar. Esta senhora reconhece agora quanto se enganarão seus pais sobre a preferencia dada ao collegio em que esteve.

Se isto se observa sobre os collegios cujas directoras são estrangeiras, outro defeito reparo eu em todos os outros; e consiste no systema de ensino da musica e no desprezo absoluto da geographia, da historia (principalmente a sagrada), e da lingua italiana, que tão importante é hoje para saber-se, em virtude da preferencia dada ao canto das musicas italianas.

Por ventura será toda a instrução necessaria para uma senhora o saber fazer uma má leitura e fraca traducção de uma ou duas linguas, e distinguir apenas as notas da musica para as cantar pelos sons tirados pelo piano? E aonde se ensina mais do que isto? Aonde se procura cultivar o espirito e a intelligencia de uma menina para que seja uma verdadeira senhora? Aonde se cuida em plantar no coração tenro de uma educanda todos os principios dos deveres de nosso sexo, para que sejam verdadeiras mães de familia, para bem da religião e da moral? Em parte nenhuma se cuida de taes cousas. A religião ensinada consiste em algumas orações, cujo merecimento é não poucas vezes aconselhado pela superstição: os principios de moral são sempre mal definidos ou aconselhados como cautela contra o medo de infração de algum dever social.

E deste modo não póde a mulher adquirir com sua instrução a convieção intima de sua dignidade e do seu dever; o que só consegue pelo exemplo praticado por seus pais.

Eis como no Brasil se educa geralmente a mulher de quem deve um dia depender o futuro de uma familia inteira. Tudo superficialidade, nada sciencia.

Esquecia-me citar tambem a ignorancia da contabilidade, que tão indispensavel é a qualquer senhora em qualquer circumstancia da vida; acredita-se que é uma superfluidade, ou cousa impropria de uma senhora, e portanto creio que nem as proprias mestras conhecem um compendio de tal materia.

Para uma directora de collegio toda a vantagem consiste nos bordados, os quaes mesmo não são já os trabalhos delicados de *ponto real*, de *seda*, de *ouro e prata*, etc., e quasi actualmente se limitão aos pontos de *marca* e de *tapete*: trabalhos da maior simplicidade, que podem ser aprendidos em uma semana, e com os quaes conviria mais não perder o tempo que deveria ser consagrado ao estudo de mais valiosas prendas.

Não queremos com isto negar o merecimento e utilidade destes trabalhos e de outros, como a confeição de flores, etc.; mas quizeramos que

fossem considerados como secundarios, que facilmente podem ser aprendidos e perfeitamente praticados por mãos acostumadas a obras mais dificeis, e que se não illuda a boa fé dos pais de familia, fazendo que meninas educandas percão a maior parte do seu precioso tempo, que poderia ser destinado ao necessario cultivo do espirito e da intelligencia, a qual, apoucada por tal systema, se perde inteiramente, se tem o infor-

tunio de dar-se á leitura de romances, como em um mar immenso onde fosse navegar sem bussula, que nunca poderia encontrar um porto, e teria de naufragar em alguma costa bravia ou de submergir-se nas ondas.

Continuaremos ainda a fazer algumas reflexões.

Baroneza de ***



BOLETIM MUSICAL.

Minhas amigas, não estranhareis que o mundo musical tenha paralyzado o seu progresso, quando os quentes raios do sol tem tomado á tudo a dianteira, e vão deixando o rubor, o suor e a indolencia por todos os logares por onde se derramão, despedidos lá das astronomicas alturas, que infelizmente não são ainda maiores para consolo e allivio da nossa pelle. Vós mesmas tereis sentido irresistivel indisposição para tudo, e por isso não estranhareis que os instrumentos estejam em ferias, porque não é possivel deixar correr á vontade as gottas de suor, e os musicos não podem suspender a sua execução para enxugal-o; por isso tomárão o partido mais prudente, e só lanção mão delles quando é absolutamente necessario, isto é, no theatro lyrico.

Ahi se representou a opera *Semiramis* na noite de 20 do corrente; e ficamos bastante pezarosa que indiscretos, ou antes incapazes *dilettanti* pretendessem desgostar as duas artistas com injustas e acintosas pateadas, nas quaes insistirão a despeito da manifesta reprovação do maior numero dos espectadores, que se interessárão em pronunciar sua censura a este precipadamente inqualificavel, fazendo ecoiar estrondosas palmas.

Com effeito a Sra. Charton cantou durante toda a noite admiravelmente, e longe de merecer essa desfeita devia ser mais applaudida que nunca. A Sra. Casaloni foi perfeitamente em toda

essa noite. A sua voz é sempre muito apreciavel, e, se ainda não é tão perfeita atriz como a primeira, cumpre fazer-lhe justiça, e reconhecer que não são duvidosos os seus progressos no estudo de scena e mesmo de vocalisação: e o reconhecimento de seus continuos esforços são bastantes para que ella seja considerada, e animada a continuar a estudar para, attingir á cathedra de perfeita atriz e cantora, para o que tem bastante talento.

Na noite de 25 representou-se o *Trovador*. Foi tão grande a enchente como completo o desempenho de todos os cantores. As duas damas desempenhárão perfeitamente. A Sra. Charton foi obsequiada com muitos ramos de flores atirados á scena; porém os indiscretos fautores de pateadas ainda mais uma vez derão provas de sua *intelligencia e bom gosto* desfeiteando as duas cantoras.

Na noite de 25, em vez da *Semiramis* annunciada, deu-se a *Cenerentola*; foi pouco concorrida, porém os espectadores applaudirão a Sra. Casaloni todas as vezes que o julgárão acertado.

Diz-se-nos, que breve vai á scena a composição do maestro Paccini *Os Arabes na Galia*, em que entrão as Sras. Casaloni e Zecchini; opportunamente informaremos a respeito as nossas amaveis leitoras.

Corina.

NOTICIA.

Apressamo-nos em noticiar ás nossas leitoras que acaba de ser publicado O LIVRO D'ALIXA em um volume de mais de oitenta paginas de nitida impressão.

O autor é o Sr. Dr. Saturnino, cujo talento produziu, á imitação do Livro de Elisa, um precioso ramalhete de delicados pensamentos poeticos; tendo, ao que parece, procurado explicar o desenvolvimento das paixões no coração da mu-

lher. Recomendamos ás nossas assignantes a leitura deste livro, que se acha á venda na typographia do *Jornal das Senhoras*, rua do Cano n. 165, e na do Sr. Lobo Vianna e Filhos, rua da Ajuda n. 79, pelo preço de 15000, em brochura.

A REDACÇÃO.

A charada do n. 4 é *Maria*, e a do n. 3 *Manguieira*.

Acompanha este n.º 4 um padrão de bordados.

Typ. do *Jornal das Senhoras*, RUA DO CANO N. 165.